

Humanidades, vive na imaterialidade, na criatividade e na liberdade. Quando os dois reinos se encontram, entregam-se à Guerra metafísica do Espírito livre contra a Matéria determinista, e será no terreno da relação espírito-cérebro que se disputará a principal batalha.

O antagonismo do materialismo e do espiritualismo torna-se ainda mais radical porque cada concepção é hegemônica e redutora; assim, o materialismo reduz tudo o que é espiritual a uma simples emanção da matéria, e o espiritualismo reduz tudo o que é material a um subproduto do espírito.

A polêmica entre as duas obsessões metafísicas do materialismo e do espiritualismo estimulou ao mesmo tempo a pesquisa e atrofiou a reflexão sobre o espírito e o cérebro. As duas concepções devem, porém, ser compreendidas. Compreende-se que o espírito consciente tenha aparecido como entidade superior governando o pensamento, a decisão, a ação, e que se tenha considerado o universo como animado por um princípio espiritual. O Espírito de Deus, segundo as Escrituras e a Razão teológica, criou o mundo, a vida, os homens. A criação descia do Superior ao inferior. Mas, no século XIX, o Espírito teve de descer do céu e sofrer, no universo da ciência, um terrível aviltamento; com Lamarck, e depois Darwin, deu-se a inversão: tudo devia partir do baixo, do infusório, para ascender, evoluir para o Alto, e o espírito tornava-se fruto último da evolução, não mais autor primeiro da Criação. Ao mesmo tempo, a ciência do século XIX estendia a todos os domínios o determinismo material em detrimento, claro, da liberdade de espírito. Por isso, era natural que se afirmasse triunfalmente o monismo materialista de um Vogt, para quem o cérebro "excreta os sentimentos assim como os rins excretam a urina". O espírito, nessa concepção, só pode ser um fantasma.

De fato, as descobertas do fim do século XIX, revelaram que todas as atividades mentais ou intelectuais são localizadas ou ao menos inscritas no cérebro. O espírito recua, dobra-se, fragmenta-se e, sob o efeito das vitórias deterministas e simplificadoras, parece ter de volatilizar-se.

Mas, nessa derrota, Bergson empreendeu uma batalha do Marne capaz de estabilizar uma frente de resistência. Bergson reconhece as aquisições da pesquisa cerebral para melhor afirmar que o espírito transborda por todos os lados a sua expressão em termos de

cérebro, o qual é uma "imagem" produzida pelo nosso espírito.

Ao longo do século XX, a resistência do espírito foi encorajada por uma crise inesperada do materialismo lá mesmo onde ele tinha obtido a sua mais impressionante vitória: na base da realidade física. Com efeito, o desabamento conjunto da substancialidade da matéria e do determinismo clássico, em nível subatômico, fez surgir um enigma e um mistério sobre os quais se precipitou o espiritualismo, retomando a esperança de reconquistar o mundo, não mais apesar dos progressos da ciência, mas desde então graças a eles.

Mas, se a materialidade física perde terreno, a materialidade bioquímica do cérebro ganha. As neurociências dão novos saltos para a frente. Descobre-se que não há atividade intelectual, movimento de alma, delicadeza de sentimento, o menor sopro de espírito, que não corresponda a interações moleculares e não dependa de uma química cerebral. É nessas condições que o espiritualismo, reforçado fisicamente mas diminuído cerebralmente, tenta estabelecer uma coexistência pacífico-belícosa entre as duas substâncias que, a despeito da execração mútua, aceitam alguns serviços provisórios uma da outra, enquanto esperam a reconquista definitiva.

Certo, os materialistas continuam a considerar o espírito como ilusão ou, ao menos, como epifenômeno. Mas os espiritualistas admitirão o cérebro como suporte, espécie de antena captando mensagens "transmateriais" trocadas num campo psíquico ou informacional. O cérebro não "produz" o espírito, mas o "detecta" (Burt, Eccles). A informação que penetra pelos sentidos "materializa-se" em substâncias químicas e em modificações neuronais que armazenam fisicamente a significação simbólica das recepções sensoriais. O espiritualismo, obrigado a compor com a realidade material do cérebro, desemboca num dualismo colaborador ou interacionista que aceita que a realidade espiritual realiza as suas operações com a cooperação da realidade material.

A unidualidade cérebro → espírito

O debate entre materialismo e espiritualismo, cada um considerado como princípio explicativo, não tem mais, hoje, nenhum interesse público, pois o "espírito, depois de ter tudo explicado, tornou-se